

JORGE DORFMAN KNIJNIK

ANTONIO CARLOS SIMÕES

**SER É SER PERCEBIDO: UMA RADIOGRAFIA DA
IMAGEM CORPORAL DAS ATLETAS DE
HANDEBOL DE ALTO NÍVEL NO BRASIL**

REFERÊNCIA:

KNIJNIK, Jorge Dorfman; SIMÕES, Antonio Carlos. Ser é ser percebido :uma radiografia da imagem corporal das atletas de handebol de alto nível no Brasil. *Revista Paulista de Educação Física*, 14(2), 196-213, julho/dezembro, 2000.

RESUMO

SER É SER PERCEBIDO: UMA RADIOGRAFIA DA IMAGEM CORPORAL DAS
ATLETAS DE HANDEBOL DE ALTO NÍVEL NO BRASIL

Este estudo teve como objetivo pesquisar, no âmbito das equipes femininas de handebol de alto nível do Brasil, a imagem corporal de suas atletas. Apesar da presença da mulher no meio esportivo nunca ter sido tão grande como na atualidade, vários preconceitos ainda incomodam as atletas de alto rendimento, notadamente aqueles vinculados às imagens e formas de seus corpos. Utilizando-se um referencial teórico fenomenológico, procura-se aqui compreender o corpo de uma perspectiva não - dualista. O instrumento utilizado na pesquisa foi o “inventário para avaliação da imagem corporal das atletas de handebol de alto nível no Brasil”, o qual, a partir de 65 frases, compara a imagem corporal real da atleta com aquela idealizada por esta. Participaram do estudo 156 atletas de handebol de alto nível, com idades entre 14 e 33 anos (média de 20,26 anos). Como resultados, encontraram-se diferenças estatisticamente significantes entre a imagem corporal real e a ideal em 35 (\cong 54%) das proposições do questionário, em diversas dimensões da imagem corporal. Este estudo corrobora pesquisas feitas internacionalmente, as quais mostram que as mulheres, para se manter no esporte de alto nível, precisam perpetuar características estereotipadas como femininas, mesmo que estas se choquem com as necessidades corporais de sua modalidade.

UNITERMOS: Imagem Corporal; Corpo; Mulher; Esporte; Handebol

1 INTRODUÇÃO

“O que me falta é este eu que tu vês - e o que te falta é o tu que eu vejo” (Paul VALÉRY)

Os Jogos Olímpicos da Era Moderna marcam o apogeu mundial do esporte de alto rendimento. Finda a Guerra Fria, e com ela a época dos boicotes políticos aos Jogos (Moscou, 1980, Los Angeles, 1984), atualmente grande parte dos países espalhados pelo globo terrestre procuram enviar à competição os seus e as suas melhores atletas, entendidos como aqueles e aquelas que possuem os maiores índices esportivos, e podem atingir as melhores marcas possíveis, e sobretudo, medalhas.

As mulheres atletas encontram hoje em dia nos Jogos Olímpicos, um dos principais espaços para a demonstração de suas proezas esportivas, e deles participam ativamente, ainda que em número minoritário : de acordo com WELCH & COSTA (1994) as mulheres nos Jogos de Barcelona (1992) eram apenas 26% do total de competidores, técnicos e dirigentes esportivos.

Mas a conquista deste espaço no cume do esporte mundial não foi de forma alguma um processo fácil para as mulheres. Aliás, a inclusão feminina nas Olimpíadas enfrentou, desde a gestação dos Jogos Olímpicos da era moderna, grande oposição por parte dos primeiros integrantes do Comitê Olímpico Internacional, os quais foram os responsáveis pelo resgate desta forma de disputa da Grécia Antiga e sua reintrodução no mundo contemporâneo.

O primeiro presidente do Comitê Olímpico, Pierre de Fredi, o Barão de Coubertin, nobre francês que foi o grande idealizador da retomada da tradição competitiva da Antiguidade, tinha uma opinião bem definida em relação à participação feminina nos Jogos. WELCH & COSTA (1994, p.123-4) afirmam que o Barão

(...) via os jogos como festivais de esporte para os **homens de todo o mundo**, brancos e jovens de classe alta. A antiga exclusão que os gregos faziam das mulheres em seus festivais era totalmente aceita por Coubertin, o qual via os 'seus' jogos da era moderna como um meio de preparar os jovens rapazes franceses para o serviço militar, assim como para os papéis de liderança no governo e nos negócios. **Tal postura colocava a participação feminina como irrelevante** [grifo nosso].

Esta postura do Barão de Coubertin perdurou enquanto ele atuou no Comitê Olímpico Internacional (COI). De fato, ele queria que os Jogos trouxessem de volta "(...) tanto quanto possível o formato dos Jogos Gregos da Antiguidade", os quais, não admitiam mulheres; o Barão tinha ainda a "(...) crença que as mulheres perderiam o seu charme feminino ao se engajarem em atividades extenuantes" (WELCH & COSTA, 1994, p.125).

1.1 Esporte, mulher, corpo

A batalha pela admissão das mulheres nos Jogos Olímpicos da era moderna perdura há mais de 100 anos, desde os primeiros Jogos de Atenas, em 1896, e é parte integrante de todo o empenho feminino pela sua participação no esporte e nos diversos setores da sociedade. Aliás, a participação no esporte foi mais uma das diversas lutas pela emancipação feminina que tiveram início ao final do século XIX e começo do século XX. O movimento feminista das décadas de 1960/70, e principalmente, a constante e crescente participação das mulheres no mercado de trabalho, fizeram com que elas comesçassem a se mostrar presentes em todos os campos sociais - e no esporte, competitivo ou não, esta realidade não seria diferente. Pelo contrário, também o esporte e a atividade física e recreativa para mulheres tornaram-se fatores que, muitas vezes, as impulsionaram no sentido de sua liberação.

Nesta jornada, as mulheres foram se impondo gradativamente nos esportes individuais e coletivos, até chegar à situação atual, em que a presença da

mulher no meio esportivo nunca foi tão grande. Se esta já acontecia na figura da atleta, mesmo que timidamente, atualmente a mulher aparece também como treinadora, dirigente, árbitra, repórter, apresentadora de programas esportivos, empresária de atletas... Enfim, as mulheres ocupam cada vez mais espaços na área esportiva, inclusive em modalidades consideradas até há pouco tempo exclusivamente “masculinas”. Dado significativo são os números dos Jogos Olímpicos em Atlanta (1996): cem anos depois do Barão de Coubertin e de sua luta misógina contra a mulher no esporte (conforme SIMÕES, 1995, o Barão chegou a declarar que “uma Olimpíada feminina é impensável, inestética e impraticável”), na Olimpíada de 1996, aproximadamente 3750 mulheres participaram da competição - de um total aproximado de 10300 atletas.

No Brasil, é visível o crescimento do número de mulheres participantes de competições importantes como a corrida de São Silvestre, e o aumento da quantidade de equipes femininas de futebol, terreno antes exclusivamente masculino, levando a mulher atleta para todos os lugares e lares em que a TV reproduz os seus lances.

Contudo, apesar das inúmeras barreiras ultrapassadas, vários estereótipos parecem ainda incomodar as atletas de alto rendimento. Chavões de beleza e sexualidade são comumente utilizados para designar atletas de diferentes modalidades. Assim, devemos nos perguntar se, para as mulheres, o seu engajamento esportivo estaria absolutamente tranquilo ou, ao contrário, os preconceitos continuam as atingindo e dificultando a sua prática. E outras questões ainda podem ser levantadas: a mulher estaria plenamente consciente e satisfeita do seu papel no esporte e tudo aquilo que ele representa? Qual a expectativa dessas mulheres? Até que ponto velhas idéias e práticas comuns ao cotidiano do trabalho ainda perturbam as mulheres neste ambiente? De que maneira os estereótipos sexuais influenciam na escolha de uma modalidade, a despeito de interesses e habilidades específicas?

Conforme BERLIN (1998),

(...) a partir do século XIX e em todo o século XX, a saída da mulher para o trabalho foi massiva. (...) Por outro lado, o repertório dos mitos, das histórias de amor presente na literatura ou no cinema, variou de forma muito mais lenta que as mudanças sociais concomitantes. Em muitas famílias, mesmo que as filhas comprovem que as mulheres trabalham como pai, no entanto elas sonham encontrar um príncipe azul que as sustente e as proteja. Novas versões da Cinderela e da Bela Adormecida emergem detrás das heroínas modernas (...) (p.32).

Um dos mitos que continuam inequivocamente presentes nos dias atuais, e que jogam um papel absolutamente central no contexto do esporte feminino, é aquele do 'belo sexo':

A idolatria do 'belo sexo' é uma invenção da Renascença: de fato, é preciso esperar os séculos XV e XVI para que a mulher seja alçada ao pináculo como personificação suprema da beleza. Pela primeira vez na história, realiza-se a conjunção das duas lógicas que instituem o reino cultural do 'belo sexo': reconhecimento explícito e 'teorizado' da superioridade estética do feminino e glorificação hiperbólica dos seus atributos físicos e espirituais. (LIPOVETSKY, 2000, p.113).

Assim, a partir da Renascença, criou-se a mistificação, que ainda perdura em nosso pensamento ocidental, da beleza feminina superior. LIPOVETSKY (2000, p.117) enfatiza isto, ao reconhecer que "nenhuma outra época no passado tanto representou, comentou, alçou ao pináculo a beleza feminina, nenhuma outra lhe conferiu tal importância". E este conceito do 'belo sexo' joga um enorme papel no esporte feminino. Vozes correntes neste processo ainda ressaltam o quanto as mulheres são aí reconhecidas muito mais pelos seus atributos físicos que atléticos. GRIFFIN, em recente artigo na edição da **JOPERD** comemorativa dos 100 anos da

NAGWS (National Association for Girls and Women in Sport – EUA), brada que “as mulheres no esporte merecem ser avaliadas na base de sua competência e caráter, não através da sua identidade sexual, ou expressão de gênero.” (GRIFFIN, 1999, p.55). Esta expressão de gênero que a autora comenta nada mais é do que os atributos estéticos femininos, sobrevalorizados ainda hoje no esporte de alto rendimento, muitas vezes em detrimento do próprio rendimento que este esporte pretende priorizar. KOLNES (1995, p.71) destaca que

enquanto os homens atletas são descritos nos termos de suas façanhas, competitividade, sua força física e psicológica, da sua bravura por jogarem mesmo estando seriamente machucados, as **mulheres atletas são descritas nos termos de sua aparência física, sua feminilidade, seu comportamento não-competitivo e de seus relacionamentos** [grifo nosso].

Num quadro de tal dramaticidade, em que a mulher ainda reclama por ser forçada, no mundo do esporte de rendimento, a submeter-se a padrões estéticos e de feminilidade absolutamente alheios à prática que resolveu adotar para si, - atividade que demanda enormes esforços -, **o corpo tem um papel preponderante**. Essencial enquanto veículo do ser (atleta) no mundo, o corpo também é estampa viva dos estereótipos de beleza e feiúra, e das relações de gênero, sobre as quais HULT (1994, p.83) comentou que “distintamente do sexo, (as relações de gênero) denotam construções culturais, ou o elemento das relações sociais baseada nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero, sendo o primeiro passo para as relações de poder”.

COCA (1993) postulou que o ser humano esportivo é essencialmente um ser baseado no movimento corporal. A origem de todas as ações esportivas está lá, no corpo, entendido não como objeto mas como veículo de ser e estar no mundo.

Assim, o corpo não existe sozinho. O que existe é um “eu - corpóreo - socializado” (COCA, 1993, p.40), com vida e que possui mensagens, histórias para revelar e ser descoberto **pelos outros**.

E o corpo da mulher atleta ainda parece repleto de contradições. Ao mesmo tempo em que abriu e continua abrindo portas para as mulheres ‘entrarem’ na sociedade, o esporte como que engessou as relações de gênero. Segundo KOLNES (1995),

para sobreviver como uma atleta de alto nível, a mulher deve se conformar com os padrões patriarcais de beleza e feminilidade. Neste sentido, as relações básicas entre mulheres, homens e esporte permanecem intocadas e imutáveis. (...) Mais do que desafiar as imagens dominantes do corpo feminino e da mulher, o esporte de alto nível tornou-se um meio pelo qual a sexualização do corpo feminino serve como uma armadilha contra as mulheres, as que estão dentro e fora do esporte (p.73-4).

Torna-se evidente que o corpo da mulher atleta é peça central desta trama. O modo como ele é construído, não de forma biológica nem sob o prisma de treinamento físico, mas sim sob a ótica psicossocial: como as atletas vêem os seus próprios corpos? Como são vistas?

Conforme COCA (1993), à margem de algumas questões metodológicas, é evidente que somos corpo, e que o estudo de nossa cultura (aí incluída a cultura esportiva) pressupõe uma reflexão sobre estes, atléticos e nem tanto, nus ou vestidos, enfim, os corpos concretos, que revelam interpretações subjetivas - e corpóreas - do mundo. Segundo KNIJNIK & SIMÕES (1998), falar do corpo, resgatá-lo, é referir-se à corporeidade como forma real de inserção do homem no mundo, algo como ‘eu sou o meu corpo’. É a negação da quietude, é a ação do gesto corporal na direção de outras realidades humanas, distintas de si. Ocupando o seu próprio espaço, o corpo expressa-se para alguém, manifestando assim a sua existência. Para falar dele, é

necessário mencionar os *contextos sociais* nos quais a realidade corporal apresenta-se; os outros, para quem o corpo dirige-se, e o mundo aonde ele vive, se situa, e de onde provêm as suas experiências.

GUTHRIE & CASTELNUOVO (1994) sugerem que o ‘mito do belo’ no contexto do esporte feminino atual se traduz no “discurso da beleza do corpo feminino”. (“feminine body beauty discourse”), e que este discurso molda as vidas e corpos das atletas - inclusive a sua própria **imagem corporal**. Trata-se de “(...) um discurso pronto para construir um corpo feminino num tamanho específico, com gestos e movimentos restritos, diferentes, e sedutores.” (p.314).

Como para estas autoras a imagem corporal é crucial no desenvolvimento do autoconceito pessoal, e mesmo no processamento de informações inerente à prática esportiva, é necessário pois se encontrar um modelo que permita que a mulher escape para fora deste “discurso da beleza”, e reforce positivamente os seus autoconceitos e imagem corporal, os quais poderão refletir, em última análise, na própria performance da atleta.

Finalmente, GUTHRIE & CASTELNUOVO (1994) propõem que, através do pensamento fenomenológico de Merleau-Ponty, construa-se uma trilha para a compreensão da imagem corporal das atletas - conceito que elas consideram fundamental na construção da atleta de rendimento contemporânea - trilha esta que seria caracterizada, segundo GUTHRIE & CASTELNUOVO (1994) por:

- não - dualismo corpo/mente, uma vez que o dualismo forçou a construção de um vocabulário corporal e de movimento que apenas relacionava as mulheres as suas funções biológicas;
- experiência corporal pessoal e subjetividade são fontes básicas de realidade;
- negação dos paradigmas científicos que assumem apenas a realidade objetiva, e que não apuram a totalidade das experiências corporais femininas.

Vê-se pois que a questão da imagem corporal é uma das prioridades para o trabalho com mulheres - atletas nos dias que correm.

Conforme KNIJNIK, SIMÕES e LUCATO (2001), o fato de o esporte ser a instituição social mais focada no corpo, e por tudo que as imagens corporais advindas dele podem produzir como ideologia sobre o corpo na sociedade, avaliar a auto-imagem corporal de atletas de alto nível reveste-se de importância fundamental para compreender a relação e a influência da prática esportiva sobre essa auto-imagem, a qual, por sua vez, será decisiva na forma com que as atletas criam seus próprios modelos corporais, repassados ao público diariamente.

Procurar entender como as atletas de alto nível da modalidade de handebol no Brasil percebem a sua imagem corporal é o nosso foco central – portanto, pretende-se discutir o corpo feminino no contexto do esporte de rendimento no país.

2 OBJETIVOS

No sentido de aprofundar a reflexão sobre as atletas de alto rendimento no Brasil, seus corpos e imagens corporais, este estudo traçou como **objetivo geral**:

- Analisar no âmbito das equipes de handebol feminino de alto nível do Brasil, a imagem corporal de suas atletas.

3 A imagem corporal da atleta de rendimento

Alguns estudos (KOLNES, 1995; MESSNER, 1988) indicam que, aparentemente inovadora, a presença feminina no esporte de alto nível sofre tamanha interferência dos padrões sexuais de gênero (o princípio da organização heterossexual, segundo KOLNES, 1995), que ao contrário do que parece, a mulher atleta vê-se obrigada - a fim de permanecer na mídia, e para obter resultados e patrocinadores, enfim, para ter sucesso no esporte - a reproduzir e a se conformar

com ideologias patriarcais e mesmo com os modelos estereotipados de feminilidade, principalmente no que tange as suas imagens. Padrões do 'belo sexo' continuam plenamente em vigor. Assim, as relações homem/mulher/esporte permaneceriam imutáveis: as mulheres continuariam sendo focadas não pelas suas qualidades e habilidades esportivas, mas principalmente pelos seus quesitos imagéticos e "femininos" (beleza, charme, etc.); o público, apesar de querer performances esportivas talentosas, rápidas (as quais exigem mais força e destreza), identificaria as mulheres que as obtêm como "não - femininas", forçando essas atletas a realçarem seus aspectos femininos antes, durante e depois da competição, deixando de lado muitas vezes os tópicos esportivos propriamente ditos, frustrando e desanimando as atletas que não querem ou não atingem os padrões de "feminilidade" exigidos pelo público e pela mídia.

KOLNES (1995) em um trabalho de pesquisa no qual realizou uma série de entrevistas com atletas de alto nível, pertencentes à equipes nacionais femininas da Noruega, pode colher alguns depoimentos que apontavam nesta direção. Ela relatou genericamente os casos, e até citou o exemplo de uma velocista americana como paradigma desta situação:

Parece que quanto mais masculina uma atleta parece ser, maior é a demanda sobre ela para que seja uma jogadora de ponta. A competência e as 'evidências' heterossexuais tornam-se importantes para compensar as características menos 'femininas' (...). Como consequência, e para compensar os atributos menos 'femininos', algumas atletas de elite estão empenhadas em enfatizar os seus símbolos de feminilidade heterossexual. Elas se distanciam das imagens de masculinidade deixando os traços femininos mais explícitos (cabelos longos, por exemplo, conforme os depoimentos). (...) O que se vê é que as atletas que estão atuando em áreas mais ligadas à masculinidade [como o futebol]

estão se submetendo a estratégias que possam provar a elas mesmas e aos outros que elas são de fato mulheres. (...) As evidências indicam que há uma tendência crescente para que as roupas esportivas erotizem, coisifiquem e sexualizem o corpo feminino. (...) A atleta mais famosa que conscientemente jogou com a sua feminilidade e a sua sexualidade foi sem dúvida alguma Florence Griffith Joyner, ou Flo - Jo. Ela não estava satisfeita em apenas enfatizar e deixar o seu gênero visível; ela o fazia supervisível através de suas roupas e outros efeitos que usava para sublinhar a sua identidade sexual. (KOLNES, 1995, p.66-7).

Como vemos, a questão do corpo da mulher - atleta permanece candente. Aliás, até pelo fato do esporte ser uma das instituições sociais mais focadas no corpo, e considerando a importância deste enquanto símbolo significante da sexualidade, a competição esportiva joga um importante papel na produção e reprodução simbólica de ideologias culturais e políticas, as quais estão ligadas indiscutivelmente às relações entre os sexos. Analisando a prática esportiva de alto nível, podemos ampliar respostas sobre algumas questões pertinentes. Socialmente, qual seria a percepção da participação feminina nos esportes? O esporte pode ser um ponto de reversão (ou pelo contrário, de afirmação) da tradicional história de passividade e submissão da mulher em nossa sociedade? Ou estão se gerando apenas novos modelos para novos estereótipos? Enfim, qual é de fato o conteúdo da relação mulher/esporte de alto nível nos dias que correm na sociedade brasileira?

Vimos que a atleta no esporte moderno é essencialmente uma personagem produtora de rendimento a partir de suas manifestações ou **expressividade corporal**. Esta é uma das características da imagem proporcionada pelo corpo feminino no cenário esportivo; não se pode ignorar que a participação feminina no esporte de rendimento ainda é questionada e analisada através dos valores masculinos predominantemente inseridos na sociedade. É interessante

observar, conforme SIMÕES (1995), que as mulheres, numericamente, detêm atualmente grande parcela do poder e do saber científico anteriormente reservados aos homens, com participação muitas vezes em igualdade de condições nos chamados redutos masculinos, sejam estes o mundo dos negócios, as profissões liberais, a mídia e mesmo o esporte. Como um dos sistemas dominantes, o esporte para as mulheres pode ser um modelo de afirmação da tradicional história de passividade e submissão delas em sociedade - ou, ao contrário, pode ser um elemento decisivo na luta pela autonomia do feminino no mundo. Porém, ao colocar desafios de competição, e exigências de performance, o esporte ao mesmo tempo atira às mulheres a necessidade de transformarem seus **corpos**, muitas vezes sem questionamentos ou mesmo compreensão dos processos anátomo - biológicos envolvidos nestas modificações, tudo em nome da participação - e aceitação - no grande espetáculo de mídia, sobretudo televisionada - característica primordial do esporte atual.

Aliás, o mesmo estudo de KOLNES (1995) revela ainda, através de depoimentos, que a respeito da mídia, as atletas colocam que "(...) em relação a ela também leva vantagem quem é mais feminina, (...) a mídia seleciona aquelas que jogam bem mas também que são bonitas" (KOLNES, 1995, p.69). Ora, a expressividade do esporte é tão marcante na mídia, suas imagens são tão fortes e amplamente exploradas, seja na TV, no cinema ou nas fotos dos jornais diários, que este processo acaba por gerar, produzir e reproduzir conceitos que são "atirados" à sociedade cotidianamente. Dentre estes conceitos, as **imagens corporais** das atletas evidentemente têm um papel decisivo na construção de uma identidade corporal destas no imaginário coletivo.

Assim, uma das características do corpo atlético feminino é, sem dúvida, a maneira como o "mundo" dos esportes observa e interpreta seus corpos - segundo SCHILDER, 1980, a **imagem corporal** é antes de tudo **intercorporal**; o "eu corpóreo"

e o próprio ser só existem de fato quando passam a ser **vistos** e **percebidos** pelo outro.

O corpo é um “ente” que enxerga a si e aos outros, mas ao mesmo tempo é visto e enxergado. Assim, a auto-imagem atlética de uma esportista de rendimento só é definida na medida em que esta se relaciona com os outros, e o público em geral. Para conhecer e se reconhecer no seu corpo - instrumento de trabalho primordial para o seu rendimento esportivo - a atleta necessita do outro, alguém que a veja, que enxergue aquilo que a sua visão não capta deste objeto de trabalho - o corpo - o qual simultaneamente é o seu sujeito de ação.

Desta forma, a atleta, ao condicionar o seu corpo às exigências do rendimento esportivo, e ao exhibir este corpo publicamente, realiza um movimento dialético: influencia e talvez até “forme” opiniões a respeito da imagem corporal da atleta - mas concomitantemente a sua auto-imagem corporal também é “formada” pelos emissores destas opiniões. A trama pode desembocar muitas vezes num questionamento sobre a participação no mundo esportivo - onde a chave é a própria imagem corporal da atleta, ícone que permeia a sua aproximação, ou distanciamento, deste meio.

Já vimos acima como o corpo da mulher - atleta, e a sua própria performance no mundo esportivo, são quase que invariavelmente julgados por outros padrões que não aqueles condizentes com a atividade em questão: as mulheres passam a ser julgadas não só pelos seus talentos esportivos, mas também pelo seu estado civil, sexualidade, moralidade e atributos físicos. Segundo VERTINSKY (1994),

práticas discriminatórias contra a mulher no esporte continuam a ser justificadas pela alegação de que existem limitações biológicas na capacidade da mulher obter performance no esporte de alto nível, e que o esporte competitivo é inerentemente problemático para a mulher, enquanto que é benéfico para o homem (p.78-9).

3.1 As atletas de handebol.

3.1.1 A especificidade da atividade

O handebol é um esporte coletivo com a presença de adversários, que, portanto, possui características comuns a este tipo de modalidade, e algumas diferenças marcantes (SANCHEZ, 1992) que lhe conferem as suas *especificidades*.

Como esporte de rendimento, o handebol é jogado com regras semelhantes tanto na sua vertente masculina quanto feminina. A única diferença entre os gêneros nas regras do handebol refere-se ao tamanho da **bola**: para os homens, a bola é maior e mais pesada do que para as mulheres (ver TABELA 1).

TABELA 1 - Diferença do tamanho e peso da bola entre masculino e feminino no handebol de alto rendimento.

CATEGORIA	CIRCUNFERÊNCIA	PESO	TAMANHO
MASCULINO	58 a 60 cm	425 a 475 g	3
FEMININO	54 a 56 cm	325 a 400 g	2

As dimensões da **bola** no handebol diante de outras modalidades (basquetebol por exemplo), em conjunto com as suas regras, já lhe conferem a sua primeira especificidade: esta bola pode ser manejada facilmente com apenas uma das mãos por ambos os sexos.

O tamanho da quadra, um retângulo de 40x20m permite, devido às características da bola, que se possa jogá-la diretamente de uma extremidade a outra da quadra, com apenas um passe. Esta característica imprime uma grande velocidade ao jogo (SANCHEZ, 1992).

Existe uma área de gol que a princípio só pode ser usada pelos goleiros; uma partida no alto rendimento possui dois tempos iguais de 30 minutos, com um intervalo entre eles de 10 minutos.

Na quadra, as equipes são compostas por **sete atletas** (sendo um como goleiro), os quais se distribuem por postos específicos de ataque ou defesa durante o jogo; uma equipe se completa com outros cinco jogadores, reservas, os quais podem substituir os que estão na quadra, bem como serem substituídos sem nenhum limite quanto ao número de vezes destas trocas.

Devido às dimensões da **quadra**, as características da **bola** (pode ser segura com apenas uma das mãos, e também pode ser driblada facilmente) o total de **atletas** em quadra (14) e a singularidade de, em uma parte da quadra - a área do goleiro - ser proibida a permanência, o handebol se caracteriza também por ser um jogo em que o **contato físico** é muito intenso.

O objetivo final do jogo é a marcação do gol; porém, a prática demonstra que há um objetivo prévio a este, qual seja, o de se conseguir uma posição e uma situação tal, que facilitem a marcação daquele gol. Deste modo, o jogo se caracteriza por uma intensa **luta** no sentido de se conseguir esta posição favorável, ou, no caso da defesa, de se impedir que se consiga aquela posição. Esta luta entre **oponentes** pelo espaço, que é a característica do jogo, é feita dentro de um quadro de grande **contato físico** (SANCHEZ, 1992).

Como todo e qualquer esporte coletivo com a presença de adversários, o handebol engendra um quadro de relações sociais de cooperação, solidariedade e oposição: quanto mais forte e melhor o meu adversário, mais eu dependo do conjunto do meu esforço com aquele dos meus colegas de equipe para superá-lo. Aliado a isto, some-se uma quantidade de desenvolvimento físico, de habilidades motoras, de capacidades cognitivas, e teremos uma atleta de handebol.

3.1.2 O corpo da atleta de handebol

Ao efetivar uma conduta esportiva, o corpo faz a síntese do movimento com o ser; como o corpo se instala no espaço e no tempo, e permite a atuação da

atleta no mundo esportivo, lugar de sua existência, **este corpo é ela no mundo**. (BAYER, 1974).

Deve-se salientar, entretanto, que não estamos abordando o corpo físico (“metabólico”, como dito acima), mas sim o corpo fenomenal, como a atleta o vive, o qual portanto possui uma experiência íntima. Esta corporeidade, essência da relação do ser com o mundo, **particulariza a presença** da atleta (BAYER, 1974).

BAYER (1974) encontrou que existem traços de personalidade estatisticamente significantes entre atletas de handebol, como a **agressividade e a expressividade**, os quais poderiam inclusive ser determinantes na escolha da atividade.

Em termos corporais, a forma como cada atleta vive o jogo é restrita pelo quadro institucional dos regulamentos e regras da modalidade. Conforme BAYER (1974, p.54), este quadro

(...) reduz consideravelmente as possibilidades expressivas do indivíduo, coloca freios na sua espontaneidade de jogador submetido de uma forma coercitiva ao respeito destas normas inerentes à prática do handebol. Esta gestualidade controlada revela um modo habitual de ser no mundo.

Este mesmo quadro institucional regrado, que permite que a atleta detenha a bola em **uma ou ambas as mãos** durante três segundos, e que também lhe possibilita manter a posse da bola enquanto a dribla, faz com que a **mão** seja uma parte do corpo muito importante no handebol. Esta mesma **mão** é também absolutamente utilizada no trabalho de defesa, conquanto lhe é permitida o contato momentâneo com a adversária.

O objetivo primeiro do jogo, que é o de fazer gols arremessando a bola contra as traves defendidas por uma goleira, fazem com que os **braços** das atletas sejam outra parte do corpo muito visada, devendo se tornar fortes e potentes para uma melhor consecução deste objetivo.

No intento de, como vimos acima, conseguir uma melhor posição que lhe facilite o arremesso ao gol, enfim, no afã de lutar por espaços privilegiados, a atleta necessita de **pernas** fortes e potentes que lhe permitam atuar com velocidade na quadra. Aliás, tudo em seu corpo que lhe possa permitir ter características **velozes** é treinado e bem-vindo.

É este corpo, com suas necessidades, vicissitudes e características básicas demandadas pela atividade esportiva que pratica; é este corpo que se movimenta incessantemente no quadro de uma partida de alta tensão cujo resultado é absolutamente desconhecido, e construído a cada segundo, a cada gol, a cada passe certo e arremesso errado; este corpo, que sem dúvida alguma **percebe e é percebido** quando da sua prática esportiva na quadra, é o corpo da atleta de handebol de alto nível, do qual procuraremos pesquisar a **auto-imagem**.

4. METODOLOGIA

4.1 Hipóteses

Conforme os objetivos da pesquisa foram formuladas as seguintes hipóteses:

- a) Não existem diferenças significantes entre a imagem corporal real e a imagem corporal ideal das atletas;
- b) Não existem diferenças significantes entre as três dimensões relacionadas à imagem corporal das atletas

4.2 Delimitação do estudo

O presente estudo restringiu-se à análise da avaliação da imagem corporal real e idealizada que as atletas da elite do handebol brasileiro fazem de si próprias. Não foram levadas em consideração possíveis diferenças sócio-econômicas, político-ideológicas ou de crenças religiosas e pessoais, que pudessem interferir na percepção da auto-imagem corporal.

4.3 Coleta de dados

Os dados foram coletados durante duas das mais importantes competições femininas de handebol no Brasil:

- A Copa do Brasil do ano de 2000, a segunda competição mais importante do país na categoria adulta feminina, que reúne as 08 melhores equipes do Brasil;
- O Campeonato Brasileiro Júnior de 2000, o qual congrega as 08 melhores equipes da categoria (18-20 anos) no país.

4.4 Instrumento

Para ZINN (1985), que realizou um estudo de comparação da imagem corporal entre crianças normais e aquelas com deficiências motoras, existe uma lacuna de informações e pesquisas sobre imagem corporal, talvez devido à conceituação de imagem corporal como um fenômeno psicossocial, físico e fisiológico, o que dificulta a sua mensuração e avaliação. A autora lista uma série de técnicas desenvolvidas para se mensurar a imagem corporal, como **questionários com escalas** [grifo nosso], desenho da figura humana, reunião de partes do corpo, testes de imitação corporal e a identificação das partes do corpo.

Segundo GUTHRIE & CASTELNUOVO (1994), devido ao caráter multidimensional e multifacetado da imagem corporal - que cria problemas para definição e mensuração - esta não tem sido muito estudada.

Desta forma, optamos neste estudo por avaliar a imagem corporal das atletas através de um questionário com escalas, o que nos permitiu realizar uma pesquisa extensa, com grande número de atletas, e também nos deu condições de identificar três dimensões para a análise da imagem corporal – o *self* estético, o *self* público e o autoconceito corporal.

O instrumento utilizado neste estudo foi o inventário denominado “Imagem corporal das atletas de handebol de alto nível”, baseado e adaptado de um método já

existente, o “**DOUDLAH BODY - IMAGE STATEMENTS**” (DOUDLAH, 1962), o qual foi construído com o objetivo de mensurar a imagem corporal de garotas estudantes de ensino médio nos Estados Unidos. Ele compara a auto-imagem corporal que a pessoa possui (imagem real), com aquela que ela gostaria de possuir (imagem ideal).

Neste estudo, apresentaremos a análise da segunda parte do Inventário, a qual, subdividida em outras duas partes, proporciona a avaliação da **imagem corporal real** da atleta e, posteriormente, a avaliação da sua **imagem ideal**.

4.5 Procedimentos

Na utilização do instrumento foram tomadas as seguintes providências metodológicas:

- a) Apresentação da proposta à comissão técnica, para expor o objetivo do trabalho;
- b) a aplicação ocorreu ou durante treinamentos preparatórios para as competições, ou na própria semana das competições, em momentos de folga das atletas, e nenhum questionário foi invalidado;
- c) exposição e explicação detalhada do modo de preencher o questionário, sendo que a coleta de dados foi pessoalmente realizada pelos autores;
- d) as frases para avaliação foram apresentadas em forma de tiras de papel, e não no formato de 65 afirmações ordenadas; desta forma, a atleta recebia um envelope com 65 tiras de papel, cada qual com uma frase para quantificar, o que nos pareceu um método mais lúdico e menos cansativo para as atletas, no momento do preenchimento dos questionários (este é um dos procedimentos adotados originalmente na aplicação do questionário);
- e) As atletas foram solicitadas a quantificar as frases inicialmente de acordo com a auto-imagem corporal **real** que possuísem referentes a cada questão, assinalando a nota correspondente nas folhas de resposta brancas; num segundo momento, a proceder a mesma avaliação em relação a sua imagem corporal **ideal**, marcando a resposta nas folhas rosas.

4.6 Amostra

Participaram deste estudo 156 atletas de handebol de alto rendimento, com média de idade de 20,26 anos (mín=14, máx=33, dp=4,23), pertencentes a equipes que competiram no Campeonato Brasileiro Júnior Feminino de Handebol de 2000 (até 20 anos), ou atletas das equipes que disputaram a Copa do Brasil Feminina de Handebol de 2000 (categoria adulta). Estas equipes são provenientes de cidades do Estado de São Paulo (Guarulhos, Jundiaí, São Bernardo do Campo), do Estado do Rio de Janeiro (São Gonçalo, Rio de Janeiro), de Brasília (DF) e do Estado de Santa Catarina (Blumenau).

5 RESULTADOS GERAIS

No tratamento estatístico do inventário, empregou-se uma análise paramétrica (HOWEL, 1992). Ao observarmos os dados desta análise estatística, percebemos que a primeira hipótese nula deste estudo (a ausência de diferenças estatisticamente significantes entre a imagem corporal real e ideal das atletas) foi rejeitada na maior parte das proposições feitas às atletas. Ou seja, das 65 afirmações propostas, houve diferenças estatisticamente significantes quanto às respostas do que elas enxergavam na realidade sobre os seus corpos, e daquilo que elas pretendiam ser idealmente em 35, ou $\cong 54\%$ das proposições.

5.1 Resultados obtidos nas dimensões da imagem corporal avaliadas pelo inventário.

Diversos autores e estudiosos da imagem corporal a entendem e a conceituam através de abordagens que contemplam diversas dimensões. SCHILDER (1980), analisou a imagem corporal através de facetas fisiológicas, libidinosas e sociológicas. ZINN (1985) relata que a imagem corporal é um componente crucial do movimento humano, e também da auto-estima, devendo pois ser mensurada por diversos modos. Conforme GUTHRIE & CASTELNUOVO (1994), a imagem corporal é

multidimensional e multifacetada (envolve percepções, atitudes, tamanho, aparência, autoconceito).

Desta forma, em uma tentativa de abordar algumas das dimensões através das quais podemos estudar a auto-imagem corporal, e também pelas características que compõem os vários aspectos da imagem corporal do ser humano, o inventário utilizado para a mensuração da imagem corporal real e ideal das atletas de handebol de alto nível no Brasil, foi categorizado em três dimensões distintas: a primeira delas é a dimensão do **autoconceito**, das preocupações e visões sobre o próprio corpo e suas partes – conforme ZINN (1985), "a imagem corporal é composta tanto pelos aspectos holísticos (o corpo visto como um todo, uma unidade) quanto pelos aspectos diferenciadores (as partes articuladas) do corpo" (p.42). Para GUTHRIE & CASTELNUOVO (1994), a imagem corporal influencia nosso comportamento e o próprio processamento de informações, influenciando assim os nossos sentimentos e ações, e sendo assim intimamente ligada ao nosso autoconceito pessoal.

A segunda dimensão do questionário foi denominada de **self público**, e é a dimensão que se refere ao que eu considero que os outros pensam em relação ao 'meu' corpo. Segundo SCHILDER (1980), nós vivenciamos as imagens corporais dos outros, "a experiência da nossa imagem corporal e a experiência dos corpos dos outros são intimamente interligadas" (p.15). Para MERLEAU-PONTY (1992, p.276) "é preciso que, com meu corpo, despertem os *corpos associados*, os 'outros', que não são meus congêneres, como diz a zoologia, mas que me assediam, que eu assedio (...)". Ainda segundo SCHILDER (1980) "os contatos de outros e o interesse que estes demonstram pelas diversas partes de nosso corpo serão de enorme importância para o desenvolvimento do modelo postural do corpo" (p.113).

A terceira dimensão de nosso inventário, a qual denominamos de **self estético**, diz respeito ao gosto das atletas em relação às roupas e vestimentas, àquilo

que fica bonito e “cai bem” nelas. SCHILDER (1980), ressalta a importância das roupas na formação da imagem corporal:

A imagem corporal pode encolher ou se expandir, pode dar partes suas para o mundo externo ou se apoderar das partes dele. (...) **As roupas tornam-se parte da imagem corporal** [grifo nosso]. Qualquer peça de roupa vestida torna-se, imediatamente, parte da imagem corporal (...). Isto fica especialmente claro na atitude das mulheres em relação a suas roupas. Pode-se dizer, inclusive, que as roupas que despimos continuam a fazer parte de nosso corpo (p.176).

SCHILDER (1980) ressalta ainda a importância da beleza e do sentimento estético, ao enfatizar que a beleza é um fenômeno de absoluta importância social, tanto assim que “o corpo humano, seu modelo postural, é o primeiro objeto das artes plásticas e da pintura” (p.262).

Dentro do inventário, há 40 proposições que se encaixam na dimensão do *autoconceito*; 11 que se enquadram na dimensão do *self público*, e 14 classificadas na dimensão do *self estético*. Desta forma, em virtude do número de proposições por dimensão não ser o mesmo, os presentes resultados foram obtidos em termos proporcionais, internos a cada dimensão.

5.1.1 A 1ª dimensão: o *autoconceito* - preocupações e visões sobre o próprio corpo e suas partes

Das 40 afirmações classificadas nesta dimensão, obteve-se uma diferença estatisticamente significativa em 23 delas, ou seja, em 57,5% das proposições vinculadas a esta dimensão, foram encontradas diferenças significantes entre a avaliação que as atletas fizeram da sua imagem, do seu autoconceito corporal **real**, e daquele **ideal**. A TABELA 2 nos mostra os valores da média real, média ideal, desvio padrão e grau de significância para cada uma destas 23 proposições.

TABELA 2 - Valores de média real/ideal, desvio padrão real/ideal e grau de significância para as afirmações da dimensão do autoconceito.

FRASES	MR	DPr	Mi	DPI	p<0,05
Gosto de me olhar no espelho	7,33	2,14	7,84	1,94	0,000
Tenho uma boa postura	6,21	2,01	8,19	1,55	0,000
Preocupo-me com a forma das minhas pernas	7,68	2,27	6,80	2,81	0,000
Tenho bom porte	6,66	2,28	8,11	1,68	0,000
Sou musculosa	5,03	2,44	6,40	2,32	0,000
Gostaria de fazer algo em relação ao meu peso	6,18	2,92	5,48	3,18	0,006
Tenho pés grandes	3,82	2,95	2,70	2,31	0,000
Penso muito na minha aparência física	7,48	2,10	7,04	2,44	0,031
Estou abaixo do peso	2,85	2,49	4,93	3,15	0,000
Tenho dentes bonitos	6,76	2,19	8,30	1,53	0,000
Geralmente estou acima do peso que imagino ter	4,46	3,06	2,86	2,49	0,000
Meu cabelo sempre foi um problema para mim	3,98	2,95	3,20	2,95	0,007
Tenho olhos expressivos	6,84	2,28	7,59	2,21	0,000
Meu sorriso é caloroso e amigável	7,75	1,82	8,42	1,48	0,000
Preocupo-me com o meu peso	7,32	2,96	6,15	3,89	0,000
Minhas medidas são bem proporcionais	6,29	3,72	7,99	1,74	0,000
Raramente penso sobre o meu corpo	2,70	2,48	4,34	3,16	0,000
Sinto-me gorda	3,99	2,89	2,43	2,50	0,000
Sou muito alta	3,72	2,59	5,73	2,54	0,000
Tenho coxas grossas	6,64	2,44	7,23	2,10	0,019
Meu tamanho faz com que eu sobressaia na multidão	3,55	2,77	4,73	2,77	0,000
Estou satisfeita com a minha aparência	6,85	2,14	7,98	1,98	0,000
Tenho dificuldades em controlar o peso	4,36	2,96	3,14	2,83	0,000

A dimensão do autoconceito é aquela que mais se aproxima do objeto deste estudo - a imagem corporal das atletas, real e idealizada. Daí a ocorrência de um maior número de questões dentro desta dimensão. Esta também é a dimensão na qual, proporcionalmente, ocorreu a maior quantidade de diferenças estatisticamente significantes entre pares de proposições e quantificações sobre a imagem corporal real/ideal, fato que comprova a força e a necessidade da dimensão do **autoconceito** em um estudo deste porte. De acordo com diversos autores (GUTHRIE & CASTELNUOVO, 1994; SCHILDER, 1980), o autoconceito é uma das facetas mais importantes da imagem corporal.

Segundo COCA (1993), falar sobre o corpo e as suas partes

(...) acaba por revelar algumas certezas e angústias que o homem esportivo (aí entendido como todo aquele envolvido na ação esportiva, os e as atletas, treinadores e responsáveis por sua preparação) deve levar em consideração no sentido de resgatar o próprio corpo, e todos os significados subjacentes a sua prática (p.40).

Ainda conforme COCA (1993), “(...) se os pré-socráticos já estudavam a aparência *imóvel* do homem (o seu ‘dokeo’, conforme Heráclito), vamos denominar a sua aparência *móvel* de **gesto corporal**” [grifo do autor] (COCA, p.37). Desta forma, o gesto corporal, a aparência móvel que faz com que a atleta se perceba no mundo, viva, é captada por ela mesma através do conceito que ela faz do seu próprio corpo e de suas partes.

Nesta dimensão é possível ver algo já analisado anteriormente sobre uma parte do corpo muito importante para a atleta de handebol - suas **pernas**. As atletas gostariam de tê-las mais grossas, principalmente as coxas ($mi=7,23$), o que denota uma preocupação nítida com a aparência das pernas, mas também com a performance melhor (velocidade, potência) que o tamanho do membro pode implementar. As atletas também se mostram muito preocupadas com a aparência de

suas pernas (mr=7,68), idealmente elas gostariam de não pensar tanto sobre elas. Aliás, são as próprias atletas que declaram que gostariam de pensar menos em seus próprios corpos (“penso muito na minha aparência”, mr=7,48, dp=2,27; mi=7,04, dp=2,44; “raramente penso sobre o meu corpo”, mr=2,70, dp=2,48; mi=4,34, dp=3,16) Qual seria a razão disto? De onde provêm a “vergonha”, ou o incômodo de pensar naquele que é, além de instrumento de trabalho, o seu veículo de ser/estar no mundo?

Conforme GUTHRIE & CASTELNUOVO (1994), a opressão que a mulher sofre até os dias atuais “está absolutamente **ligada a sua experiência corporal no mundo** [grifo nosso], a qual muitas vezes e para muitas é vivida com sentimentos de inferioridade e vulnerabilidade” (p.308). Assim, ter vergonha, não querer pensar no corpo representa uma forma de “esquecê-lo”, não pensando nos problemas e dificuldades que o próprio corpo apresenta para a pessoa; não se preocupar com o corpo significa deixar de lado o fator que as oprime. Claro que é uma tentativa vã, já que na verdade **somos corpo** (MERLEAU-PONTY, 1999). A explicação para esta tentativa de “fuga” do corpo pode ser dada por VERON (1976), que comenta que a onipresença corporal não é um facilitador das coisas, mas sim mostra como é difícil se objetivar a presença do corpo, “o objeto –corpo em si se esconde ao olhar das ciências ditas humanas ou sociais” (p.179). E se esconde exatamente porque o corpo não é completamente um objeto, pois também é sujeito, é visto e vê, é tocado e toca (FRAYZE-PEREIRA, 1996).

Por outro lado, é interessante notar que estas atletas se encontram satisfeitas com a própria aparência, a média real da pontuação da frase “estou satisfeita com a minha aparência” foi relativamente alta (mr=6,85, dp=2,14). Sequer o cabelo lhes traz grandes preocupações (“meu cabelo sempre foi um problema para mim”, mr=3,98, dp=2,95). Esta dimensão também amplia a nossa visão sobre o problema do peso corporal para as atletas. Várias frases mostram como existe uma preocupação com o peso, (“gostaria de fazer algo em relação ao meu peso”, mr=6,18,

dp=2,92), e mesmo um relativo desconhecimento em relação a este, e um desejo que ele seja menor do que é (“geralmente estou acima do peso que imagino ter”, mr=4,46, dp=3,06). Preocupação constante da mulher e do atleta, o peso corporal tem merecido uma vigilância contínua por parte de pesquisadores da área psicológica e nutricional envolvidos com o esporte: SCULLY, D.; KREMER, J.; MEADE, M.; GRAHAM, R.; DUDGEON, K (1998) relatam que muitas mulheres submetidas a treinamentos e a regimes excessivamente rigorosos são suscetíveis a apresentar sintomas, entre outros, de anorexia nervosa, amenorréia e osteoporose, tríade de doenças que ficou conhecida como uma síndrome denominada FAT (‘female athlete triad’). Esta síndrome inclusive chegou a provocar mortes entre atletas. Segundo GUTHRIE & CASTELNUOVO (1994), existe uma tendência a se pensar que, pelo fato de atletas terem altas performances físicas em níveis supernormais, eles possuem imagens corporais saudáveis. Porém, recentes pesquisas em distúrbios alimentares revelaram uma epidemia crescente entre mulheres

chegou a ponto da anorexia matar mais do que outros distúrbios psicológicos, e mesmo mais que a AIDS. Atletas, sobretudo daqueles esportes aonde um corpo pequeno, pouco peso e “magreza” são importantes, estão num grupo de alto risco. As pesquisas também indicam que distúrbios alimentares e imagem corporal negativa estão significativamente relacionados, e que esta imagem negativa pode influenciar na previsão do fracasso do tratamento, tanto quanto no desenvolvimento da patologia (p.311).

SCULLY et al. (1998) também levantam que a tendência à mortalidade causada pela FAT é mais acentuada em mulheres envolvidas em esportes que enfatizam a necessidade de manutenção de um peso baixo, como ginástica e danças. Não é o caso específico do handebol, porém sempre é bom lembrar que muitas atletas, como mencionado anteriormente, na fase de coleta de dados se preparavam

para buscar vagas na equipe que iria aos Jogos Olímpicos de Sidney, e que uma exigência da comissão técnica da seleção brasileira era a melhoria de certas capacidades físicas, o que incluía perda de peso, “transformação de gordura em músculos”. Assim, é necessário que treinadores e pessoas envolvidas com o esporte e a modalidade estejam atentos às pesquisas individuais com imagem corporal e busquem perfis psicológicos de atletas que apresentem tendências de distúrbios alimentares. SCULLY et al. (1998) ainda afirmam que

Distúrbios alimentares e uma busca constante de emagrecimento estão freqüentemente acompanhados por conseqüências psicológicas como sintomas de depressão tais como baixos níveis de auto-estima e energia (p.116).

Na dimensão do autoconceito podemos enxergar com clareza, e aprofundar a discussão sobre algumas contradições e desejos de nossas atletas, de possuírem corpos atléticos porém femininos.

Estas atletas não se consideram altas, mas apresentam o desejo de crescerem, serem mais altas ($mr=3,72$, $dp=2,59$; $mi=5,73$, $dp=2,54$); elas também querem ter “medidas bem proporcionais” ($mr=6,29$, $dp=3,72$, $mi=7,99$, $dp=1,74$) mas ao mesmo tempo não querem “ter pés grandes” ($mr=3,82$, $dp=2,95$, $mi=2,70$, $dp=2,31$). Como já vimos acima, isto seria possível? Ao mesmo tempo, e olhando para uma frase cujo pareamento real/ideal não apresentou diferenças estatisticamente significantes (“tenho ossos grandes”, $mr=5,09$, $dp=2,79$; $mi=5,03$, $dp=2,79$) mas que mostra um dado interessante: como ser alta sem ossos grandes? Outra frase que não apresenta diferenças estatisticamente significantes, mas radiografa bem o desejo das atletas é a nº 63 (“tenho músculos pequenos”, $mr=4,20$, $dp=2,58$; $mi=4,03$, $dp=2,74$). Elas possuem e pretendem idealmente se manter assim, com músculos pequenos, mas simultaneamente querem “ser musculosas” ($mr=5,03$, $dp=2,44$; $mi=6,40$, $dp=2,32$).

Conforme GUTHRIE & CASTELNUOVO (1994), uma explicação para estas contradições quanto ao autoconceito relacionado à imagem corporal poderia ser proveniente do

(...) viés ideológico pelo qual é encarado o corpo feminino nas sociedades ocidentais, o qual impõe inclusive um vocabulário que oprime e fragiliza a mulher e o seu corpo. [Este viés ideológico inclusive 'dita' que] (...) corpos femininos não são adequados para atividades que requerem contato físico, sobretudo aquelas que enfatizam o poder do corpo para se sobrepor ao oponente, e que mulheres que participam em tais modalidades não são 'verdadeiras' mulheres (p. 309).

Desta forma, ao desejarem se manter musculosas, mas com músculos pequenos, ou mesmo ansiarem ser mais altas, mas com pés pequenos e ossos pequenos estas atletas poderiam estar, de alguma forma, mascarando a sua realidade de mulheres atletas de handebol, e como tais, fortes, musculosas, altas - e com tudo que isso traz, como músculos e ossos grandes - características desenvolvidas para suportarem e enfrentarem com sucesso o contato físico vigoroso da modalidade - a fim de suavizar uma imagem que pode lhes parecer, ainda hoje, não feminina e inadequada para os padrões de comportamento social. Conforme PEREIRA (1984) "a sociedade condiciona a formação e também elege os parâmetros para julgar a chamada feminilidade" (p.7). Ou seja, a contradição entre as necessidades do corpo da atleta de handebol - força, estatura, potência muscular - e o corpo de mulheres que se pretendem "femininas" conforme os padrões sociais ainda incutidos em si mesmas - fragilidade, doçura, músculos e ossos pequenos - parece resistir tanto na percepção real do seu corpo quanto no imaginário idealizado para o próprio corpo por estas atletas.

5.1.2 A 2ª dimensão: o *self* público - o que os outros pensam em relação ao 'meu' corpo

Das 11 afirmações relacionadas nesta dimensão, obtivemos diferenças estatisticamente significantes em seis delas, ou seja, em 54,8% das proposições entre pares de imagem real/ideal que compõem esta dimensão do *self* público.

Para SCHILDER (1980) “quando deixamos nossos olhos vagarem pelo corpo, conseguimos, (...), uma figuração visual bastante incompleta de nós mesmos” (p.77). O autor comenta inclusive que é surpreendente o fato que, quando as pessoas comparam o que sentem e o que percebem tatilmente em seu corpo com a imaginação ou as percepções visuais do corpo, descobrem grandes diferenças.

MERLEAU-PONTY (1975) realça que muitos pintores (Velázquez, Matisse, entre outros) sempre gostaram de representar a si mesmos no ato de pintar, “acrescentando ao que então viam aquilo que as coisas viam deles (...)” (p.282).

Assim, esta dimensão procura avaliar o que as atletas pensam que os outros vêem nelas, sendo o “outro” parte constituinte e fundamental da imagem corporal de alguém.

A TABELA 3 mostra os valores de média e desvio padrão real e ideal, bem como o grau de significância, encontrados para as proposições nesta dimensão que apresentaram diferenças significantes em nível estatístico.

TABELA 3 - Valores de média real/ideal, desvio padrão real/ideal e grau de significância para as frases envolvidas na dimensão do *self* público.

FRASES	Mr	DPr	Mi	DPi	p<0,05
Gosto que tirem fotografias de mim	5,90	2,70	6,92	2,63	0,000
Preocupo-me com a opinião dos outros sobre a minha aparência	5,61	2,66	3,83	2,82	0,000
Comentários de grupos sobre a minha aparência em geral me incomodam	5,54	2,70	4,16	3,00	0,000
Eu muitas vezes penso como estou parecendo para os outros	5,31	2,88	3,78	2,38	0,000
Realmente não me importo com a minha aparência	2,95	2,74	3,97	3,15	0,000
Gosto de falar sobre a minha aparência	4,34	2,47	5,67	2,81	0,000

TABELA 4 - Valores de média real/ideal, desvio padrão real/ideal e grau de significância para as afirmações da dimensão do *self* estético.

FRASES	Mr	DPr	Mi	DPi	p<0,05
Sapatos de salto alto deixam as minhas pernas mais bonitas	5,68	3,04	7,20	2,49	0,000
Gosto de usar roupas justas	6,26	2,56	6,82	2,46	0,009
Costumo vestir camisetas justas	6,02	2,66	6,76	2,45	0,001
Fico bem de shorts	7,36	2,02	8,13	1,95	0,000
Fico bem de maiô	5,74	2,67	7,59	2,24	0,000
Posso mostrar-me sofisticada quando quero	7,42	2,15	7,93	1,94	0,002

Conforme COCA (1993) o ser esportivo só existe para alguém. De fato, para este autor, o homem esportivo inexistente sozinho. “O que existe é um ‘eu - corpóreo – socializado’” (p.40), com vida e que possui mensagens, histórias para revelar e ser descoberto pelos outros. Diversos autores (GUTHRIE & CASTELNUOVO, 1994; MERLEAU-PONTY, 1942, 1992, 1999; SCHILDER, 1980) ressaltaram a intercorporeidade da imagem corporal, a sua construção social, a sua existência enquanto troca de experiências e imagens incessantes entre todos os corpos que habitam o ambiente social. MERLEAU-PONTY (1992) chega a perguntar “(...) o que aconteceria se eu contasse, não somente com minhas visões de mim mesmo, mas também com as que outrem teria de si e de mim?” (p.20).

Desta forma, os autores que refletem sobre o corpo e sua imagem concordam que a opinião dos “outros”, e a interpretação que a atleta faz dos pensamentos de terceiros sobre a sua imagem corporal, se reveste de suma importância para o delineamento desta. Afinal, segundo COCA (1993),

(...) em face de quem oferece o seu gesto corporal vivo, estão espectadores, torcedores, fãs, que recebem e ao mesmo tempo condicionam este gesto, através de suas reações, apupos, aplausos. Sem ter a quem se apresentar, o gesto do homem esportivo seria solitário, vazio (p.49).

E é exatamente disto, de como a atleta pensa que os outros a enxergam, de que trata a dimensão *self público*. Esta dimensão apresenta, um caráter extremamente importante na conceituação da imagem corporal enquanto imagem intercorporal, construída socialmente.

Assim, são muito reveladoras algumas respostas obtidas nesta dimensão. As respostas às proposições “preocupo-me com a opinião dos outros sobre a minha aparência”, “comentários de grupos sobre a minha aparência em geral me

incomodam” e “eu muitas vezes penso como estou parecendo para os outros”, em que as médias reais se encontram próximas à indiferença, mostram, por outro lado, uma grande queda no mundo idealizado, suas médias, conforme a TABELA 3, caem bastante. Ou seja, o outro, longe de ser alguém que possa contribuir com a experiência e a imagem corporal própria da atleta, deve ser evitado, é um incômodo, um estorvo.

O que não deixa de nos surpreender, uma vez que estas atletas demonstram claramente que “gostariam (ideal) de falar mais sobre a sua aparência”. Por certo, assim como nos documentos oficiais sobre Educação, Educação Física e Esporte no Brasil (ROSEMBERG, F.; PIZA, E.; MONTENEGRO, T., 1990), o discurso sobre o corpo esvanece também na prática esportiva – não se fala sobre ele. Tanto isso acontece que as atletas querem ser fotografadas, a média ideal é quase nota 7. Ou seja, o corpo pode ser mostrado desde que não se fale, ou se comente nem se pense a respeito. Está ali para ser observado, e que a vejam bem.

Uma questão de relevância nesta dimensão - que não apresenta diferenças estatisticamente significantes entre os pares real/ideal - é a de n.º 26 (“pareço uma pessoa normal”). Inclusive durante a coleta dos dados, que foi feita em um clima de bastante silêncio, os poucos comentários entre as atletas referiam-se a esta questão: “Eu pareço normal?“, elas se perguntavam umas às outras. As notas altas atribuídas a esta afirmação ($m_r=7,89$, $dp=1,91$; $m_i=8,08$, $dp=1,93$), parecem ser um indicativo que as atletas querem parecer normais, não querem se destacar por nada na aparência que chame a atenção para si mesmas.

5.1.3 A 3ª dimensão: o *self* estético – destaca o gosto das atletas em relação às roupas e vestimentas.

Das 14 afirmativas envolvidas nesta dimensão, obtivemos valores que apresentavam diferenças estatisticamente significantes em seis delas, isto é, em 43% das proposições houve diferenças entre os pares real/ideal. A TABELA 4 mostra os

valores de médias real/ideal, desvio padrão real/ideal e grau de significância para cada uma destas 6 afirmações.

TABELA 4 - Valores de média real/ideal, desvio padrão real/ideal e grau de significância para as afirmações da dimensão do *self* estético.

FRASES	Mr	DPr	Mi	DPI	p<0,05
Sapatos de salto alto deixam as minhas pernas mais bonitas	5,68	3,04	7,20	2,49	0,000
Gosto de usar roupas justas	6,26	2,56	6,82	2,46	0,009
Costumo vestir camisetas justas	6,02	2,66	6,76	2,45	0,001
Fico bem de shorts	7,36	2,02	8,13	1,95	0,000
Fico bem de maiô	5,74	2,67	7,59	2,24	0,000
Posso mostrar-me sofisticada quando quero	7,42	2,15	7,93	1,94	0,002

O *self* estético, vinculado à problemática da roupa e vestimentas em geral, coloca como pano de fundo a questão do gênero: afinal, estas atletas, devido às exigências de confronto físico - por vezes muito violento - que acontece no handebol, muitas vezes são obrigadas, dadas as características da sua própria modalidade, a apresentarem qualidades ditas “masculinas” (rudeza, agressividade, contato corporal na linha das cinturas pélvica e escapular, choques de ombro, troca de empurrões, entre outros movimentos nada carinhosos) em quadra. Estas mesmas atletas, para se diferenciarem perante os outros e para reafirmarem a sua própria identidade para si mesmas, desejariam - e esta dimensão pode comprovar isso, pois também apresentou

um alto índice de diferenças estatisticamente significantes entre os pares real/ideal das proposições aí classificadas - mostrar o seu corpo vestido de uma forma idealmente bela e feminina.

Neste sentido, entendem-se as diferenças estatisticamente significantes nas proposições que aparecem na TABELA 4: em todas há uma tendência para que a nota aplicada à imagem ideal seja superior e diferente significativamente daquela aplicada à imagem real: gostar idealmente de usar sapatos com saltos, e também maiôs (peças tipicamente femininas), querer ter a possibilidade de usar roupas justas, tudo se enquadra naquilo que GUTHRIE & CASTELNUOVO (1994) chamam de “discurso da beleza do corpo feminino”, ou seja, procurar se diferenciar e se mostrar como mulher, através da roupa e da beleza “inerentes” ao seu próprio gênero.

Conforme KOLNES (1995),

(...) os comentários de um consultor para marketing e patrocínios esportivos é que (...) os patrocinadores enfatizam que as **mulheres** [grifo do autor] as quais eles patrocinam tem uma beleza heterossexual (...). Há uma expectativa sobre as atletas de elite para que elas projetem a sua sexualidade através de sua aparência e seu comportamento como atletas de alto nível. (...) Há uma contradição nesta situação, pois quando se trata de façanhas e objetivos físicos, há vantagens em ser forte fisicamente, ou ‘masculina’, e nenhuma vantagem ou benefício ao ser ‘feminina’.

(KOLNES, 1995, p.74).

Ou seja, as atletas sonham em “projetar a sua sexualidade e feminilidade” através de roupas justas e femininas que possam destacar as suas formas, mesmo que, como colocam SCULLY et al. (1998), “essa ênfase na forma feminina, (...) possa forçar sentimentos de ansiedade psicossocial, restringir o prazer da atividade em si mesma, o que pode ser exacerbado pela natureza das roupas durante a prática” (p.116).

Segundo GUTHRIE & CASTELNUOVO (1994),

(...) o 'discurso da beleza do corpo feminino' é o que dá a referência para a compreensão do componente social da imagem corporal feminina. É um discurso pronto para construir um corpo feminino num tamanho específico, com gestos e movimentos restritos, diferentes, e sedutores. (...) este discurso molda as nossas vidas e corpos - e inclusive a nossa própria **imagem corporal** [grifo do autor] (GUTHRIE & CASTELNUOVO, 1994, p. 315).

A ocorrência de diversas proposições (42%) desta dimensão rejeitando a primeira hipótese nula deste estudo, pode corroborar com alguns estudos citados acima. O discurso do corpo belo, feminino e realçado por sua fragilidade continua sendo uma "exigência", mesmo que implícita e subliminar, para as atletas de alto nível. Ou, como quer KOLNES (1995)

(...) mais do que desafiar as imagens dominantes do corpo feminino e da mulher, o esporte de alto nível tornou-se um meio pelo qual a sexualização do corpo feminino serve como uma armadilha contra as mulheres, as que estão dentro e fora do esporte (p.75).

6 CONCLUSÕES E SUGESTÕES

Em vista dos resultados expostos neste estudo sobre a imagem corporal das atletas de handebol de alto nível no Brasil, podemos apresentar as seguintes conclusões, respeitando as delimitações desta pesquisa, assim como sugerir novas perspectivas de estudo:

- Existem diferenças estatisticamente significantes entre diversos pares real/ideal nas proposições do inventário da "imagem corporal das atletas de handebol de alto nível no Brasil". Estas diferenças alcançam a maior parte das frases (\cong 54%) que compõem este inventário;

- As frases e diferenças significantes apontam para direções que ainda incomodam a atleta e sua relação com o seu corpo e consigo mesmo: a constante preocupação com o peso corporal, que afeta significativamente as mulheres que procuram atividade física e o esporte competitivo principalmente, também se manifesta aqui. As atletas querem ter o peso ideal, tem dificuldade em lidar com o peso, imaginam-se sempre mais leves do que realmente são;
- As pernas são uma das partes do corpo que mais preocupam as atletas de handebol; elas devem ser fortes porém bonitas, sobretudo para que se mostrem esteticamente bem nos uniformes e roupas esportivas atuais. Isto parece ser uma readequação e mesmo uma adaptação a um novo controle normativo imposto de fora, seja pela indústria da moda esportiva, ou mesmo por controladores dos órgãos esportivos, sobre o corpo da mulher, o que corrobora com o estudo de KOLNES (1995), que coloca o esporte de competição ainda como um elemento a ditar normas sobre o corpo e os desejos femininos. De fato, esta adaptação às normas de fabricantes e dirigentes tendem a ser uma nova coisificação do corpo feminino, ao colocá-lo como 'algo' que deve caber e se moldar às imposições externas;
- As atletas apresentam um elevado grau de vaidade, ao procurarem ou desejarem se vestir sempre com roupas justas. Isto se enquadra no que GUTHRIE & CASTELNUOVO (1994) chamam de "o discurso da beleza do corpo feminino" o qual dá referência para a compreensão do componente social da imagem corporal feminina. Segundo as autoras, este é um discurso que constrói um corpo feminino num formato específico, sedutor;
- As atletas de handebol incomodam-se com o fato de que os outros pensam em relação a sua própria aparência, porém ao mesmo tempo gostariam de falar mais desta aparência, e de seu próprio corpo. Ao que parece, elas não têm encontrado espaço para isso dentro de sua prática competitiva;

- Esta ausência de possibilidade de troca com o “outro” sobre o próprio corpo, no sentido de construir continuamente sua imagem corporal, dificulta sobremaneira o conhecimento do corpo;
- As atletas, novamente confirmando e corroborando GUTHRIE & CASTELNUOVO (1994), e mesmo KOLNES (1995), querem possuir um corpo de atleta, serem altas e musculosas, mas ao mesmo tempo não querem perder características femininas – como ossos, músculos e pés pequenos mesmo que isso contradiga e mesmo as impeça de possuírem características que as favoreçam em termos esportivos e competitivos;
- Em relação às dimensões encontradas dentro do próprio inventário, aquela em que apareceu o maior número de diferenças estatisticamente significantes entre os pares real/ideal das proposições apresentadas, foi a dimensão do **autoconceito**, com 57,5% das frases rejeitando a hipótese nula; ela foi seguida pela dimensão do **self público**, com 54,8% dos pareamentos real/ ideal rejeitando a hipótese de igualdade entre eles; logo depois, na dimensão do **self estético**, obtivemos 43% de pareamentos real/ ideal rejeitando a hipótese de igualdade entre eles;
- Como a dimensão do autoconceito refere-se diretamente ao corpo e suas partes, podemos dizer que há diferenças significantes entre a imagem corporal real das atletas, o que elas pensam sobre os seus corpos, e aquilo que elas gostariam de ser idealmente;
- Este estudo, limitado às atletas de apenas uma modalidade (handebol), pode servir de base para novos estudos e pesquisas em outras modalidades, para que se possa traçar um quadro mais amplo da condição da mulher atleta brasileira em relação ao seu corpo, no início deste novo século, podendo-se então inclusive se fazer comparações entre modalidades, e subsidiar treinamentos, sobretudo ao que se refere ao estado emocional de atletas submetidas muitas vezes às fortes

pressões dos treinamentos, sejam elas físicas, materiais, psicológicas, sociais, mercadológicas ou outras;

- Por outro lado, mesmo as limitações deste estudo permitem vislumbrar que a participação crescente da mulher no esporte nacional é um fato consumado; caminhar para um mundo mais justo e fraterno, no qual as diferenças sejam respeitadas e não simplesmente anuladas ou impedidas de virem à tona, é um papel que também cabe ao esporte de competição, por tudo aquilo que ele representa enquanto força social no cotidiano das pessoas e mesmo na vida de nosso país. Sendo assim, o corpo feminino no esporte, sua condição real e imaginária, precisa ser pesquisado cada vez mais, para que, compreendido não sofra mais com discriminações que acabem aviltando o potencial e a própria condição feminina no esporte de competição.

ABSTRACT

BEING IS TO BE PERCEIVED: AN X-RAY OF THE HIGH-LEVEL WOMEN HANDBALL ATHLETES' BODY IMAGE IN BRAZIL

The purpose of this study was to research, within the scope of high-level women handball athletes in Brazil the body image of its athletes. Although the presence of women in the sports world has never before been so significant as it is today, a good deal of discrimination still troubles high-yield women athletes, especially discrimination concerning the image and shape of their bodies. Using a phenomenological theoretical reference, one seeks to understand the body from a non-dualist perspective. The tool used in the research was the "inventory for the evaluation of the body image of high-level women athletes in Brazil." Starting with 65 statements, the study compares the athletes' real body image with that idealized by them. Hundred and fifty-six high-level athletes, aged between 14 and 33 (average 20.26 years) participated in the study. The results showed statistically significant differences between the real and ideal body images at 35 (\cong 54%) of the choices of the

questionnaire, in several dimensions of the body image. This study corroborates previous international researches, which showed that women, to be able to stay in high-level sports, must keep stereotyped characteristics considered feminine, even if in conflict with the body requirements of her sport modality.

UNITERMS: Body Image; Body; Sport; Woman; Handball

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAYER, C. **La pratique du hand - ball et son approche psycho-sociale**. Paris, J.Vrin, 1974.
- BERLIN, D. Tropiezos de la mujer en ele ejercicio de la profesión: visión psicoanalítica y visión de género. **Trópicos**, v.6, n.1, p.28-40,1998.
- COCA, S. **El hombre deportivo: una teoría sobre el deporte**. Madrid, Alianza Editorial, 1993.
- DOUDLAH, A.M. **The relationship between the *self* - concept, the body - image, and the mouvement - concept of college women with low and average motor ability**. Greensboro,1962. 179p. Thesis (Master) - University of North Carolina at Greensboro.
- FRAYZE-PEREIRA, J. A questão da ilusão: Winnicot através de Merleau-Ponty. In: CATAFESTA,I. **D.W.Winicott na USP: o verdadeiro e o falso à tradição independente na psicanálise contemporânea**. São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1996. p.47–58.
- GRIFFIN, P. Lesbian and bisexual women in sport. **Journal of Physical Education, Recreation and Dance**, v.70, n.4, p.53-4, 1999.
- GUTHRIE, S.; CASTELNUOVO, S. The significance of body image in psychossocial development and in embodyng feminist perspectives. In: COSTA, M.; GUTHRIE,S.,

- eds. **Women and sport: interdisciplinary perspectives**. Champaign, Human Kinetics, 1994. p.307-22.
- HOWEL, D.C. **Statistical methods for psychology**. Belmont, Duxbury Press, 1992.
- HULT, J.S. The story of women's athletics: manipulating a dream. 1890 - 1985. In: COSTA, M.; GUTHRIE, S., eds. **Women and sport: interdisciplinary perspectives**. Champaign, Human Kinetics, 1994. p.83-106.
- KNIJNIK, J.D.; SIMÕES, A.C. A atleta e o esporte: o corpo como paradigma da sua auto-imagem. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 21., São Paulo, 1998. **Anais**. São Caetano do Sul, Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul, 1998. p.133.
- KNIJNIK, J.D.; SIMÕES, A.C.; LUCATO, S. A glance into the body image of high-level handball women-athletes in Brazil. In: WORLD CONGRESS OF SPORT PSYCHOLOGY, 10. Skiathos, 2001. **Program & Proceedings**. Skiathos, International Society of Sport Psychology, 2001. V.4, p.269-270.
- KOLNES, L.J. Heterosexuality as an organizing principle in women's sport. **International Revue of Sociology of Sport**, v. 30, p.61-77, 1995.
- LIPOVETSKY, G. **A terceira mulher: permanência e revolução no feminino**. São Paulo, Cia. das Letras, 2000.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- _____. **La structure du comportement**. Paris, PUF, 1942.
- _____. **O visível e o invisível**. São Paulo, Perspectiva, 1992.
- _____. O olho e o espírito. In: **Os pensadores**. São Paulo, Abril, 1975. v.41, p.275-301.
- MESSNER, M.A. Sports and male domination: the female athlete as contested ideological terrain. **Sociology of Sports Journal**, v.5, n.3 p.197-211, 1988.

- PEREIRA, L.E. **Mulher e esporte**: um estudo sobre a influência dos agentes de socialização em atletas universitárias. São Paulo, 1984. 100p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Universidade de São Paulo.
- ROSEMBERG, F.; PIZA, E.; MONTENEGRO, T. **Mulher e educação formal no Brasil**: estado da arte e bibliografia. Brasília, INEP/REDC, 1990.
- SANCHEZ, F.S. Contenido del juego de balonmano: definición y análisis general del juego. In: CUESTA, J., org. **Balonmano**. Madrid, Comitê Olímpico Español & Federación Española de Balonmano, 1992. p.29-79.
- SCHILDER, P. **A imagem do corpo**: as energias construtivas da psique. São Paulo, Martins Fontes, 1980.
- SCULLY, D.; KREMER, J.; MEADE, M.; GRAHAM, R.; DUDGEON, K. Physical exercise and psychological well being: a critical review. **British Journal of Sports Medicine**, v.32, p.111-20, 1998.
- SIMÕES, A.C. Retrogravuras [Diapositivos] Montagem de Antonio Carlos Simões. São Paulo, 1995.
- VERTINSKY, P. Women, sport, and exercise in the 19th century. In: COSTA, M.; GUTHRIE, S., eds. **Women and sport**: interdisciplinary perspectives. Champaign, Human Kinetics, 1994. p.63-82.
- VERON, E. Corps signifiant. In: VERDIGLIONE, A., org. **Sexualité et pouvoir**. Paris, Payot, 1976. p.179-95.
- WELCH, P.; COSTA, M. A century of olimpic competition. In: COSTA, M.; GUTHRIE, S., eds. **Women and sport**: interdisciplinary perspectives. Champaign, Human Kinetics, 1994, p.123-38.
- ZINN, M. **A comparison of body image and motor performance in normal children and children with gross motor dysfunction**. Michigan, 1985. 152p. Thesis (Master) - Department of Health and Physical Education, Michigan State University.